

# O idoso estrangeiro em sua cidade: significado de um passeio<sup>1</sup>.

Rita Duarte do Amaral

“Que bom a gente vai ter o que contar”

R., mulher, 90 anos.

Este artigo relata o *Projeto Passeios*, atividade realizada mensalmente numa Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) localizada em Guarulhos, São Paulo, iniciada no segundo semestre de 2002.

Esta instituição, de caráter filantrópico, que atende atualmente 65 residentes, foi inaugurada em novembro de 1997 como marco de ação de graças pela comemoração do primeiro centenário das Irmãs da Congregação de Santa Catarina no Brasil. Atende pessoas de ambos os sexos, com idade superior a 60 anos, não acamadas, em condições físicas e de saúde compatíveis com a idade, que não disponham de condições para viver com autonomia e independência em relação à moradia, alimentação e cuidados mínimos de higiene e segurança (Netto, 2002).

No nosso imaginário, e na cultura da qual somos parte, morar em asilos pode ser uma das últimas opções que planejamos para o futuro, idéia que ainda está associada a abandono, ao *não lugar*, depósito de velhos. Modelos negativos e pouco atraentes.

Há mais de trinta anos atrás, minha mãe fazia planos de residir num asilo. Suas amigas a olhavam com surpresa e não sei o que pensavam. Provavelmente não compartilhavam da mesma opinião. Eu circulei por estes espaços quando visitava uma tia que estava institucionalizada e me chamava atenção que, numa das amplas salas de convivência, uma TV estava

---

<sup>1</sup> Texto publicado no livro “**Travessias do Tempo – acompanhamento terapêutico e envelhecimento**” organizado por Natália Alves Barbieri e Carolina Guimarães Baptista, Casa do Psicólogo, São Paulo, 2013, pag. 211 a 223.

sintonizada num desenho animado qualquer e os velhos com olhar distante pareciam não perceber o aparelho ligado.

Desenhos animados e velhos? Estranha combinação? Uma cena bizarra? Quando eu pensava em asilos, esta imagem sempre voltava à minha cabeça. O que poderia ser feito para preencher este *vazio*? Minha mãe faleceu antes de se aventurar por qualquer instituição. O tempo passou e nas voltas que o mundo dá, em 2002 voltei a adentrar numa ILPI de uma forma diferente, como voluntária. Para minha surpresa reencontrei o mesmo cenário que ainda permanecia comigo. Que espaço de trabalho tem um pedagogo num asilo? Perguntas que eu não saberia responder há oito anos atrás. Fui descobrindo e construindo os espaços de trabalho neste lugar. O desafio não era só meu.

Na instituição, os idosos têm que conviver com pessoas desconhecidas, com hábitos e maneiras de viver das mais diversas. Segundo Goffman (2005) as pessoas entram na instituição com uma cultura prévia e têm um estilo de vida e uma rotina de atividades diferentes até a admissão na mesma. A partir daí sofrem grande mudança. Uma das idosas conta que o que ela mais gosta de fazer é arear panelas, atividade impossível nesta instituição, além de usar cadeiras de rodas por seqüelas de um AVC. Os afazeres domésticos, para muitas mulheres que se ocupavam grande parte do seu tempo com estas atividades, estão distantes, mas permanecem vivos em suas memórias. Neste, e em outros relatos, percebo um sentimento de perda de intimidade e domínio do espaço, por não estarem mais em suas próprias casas. Sou depositária de muitas histórias deste cotidiano e dos sentimentos vividos pelos residentes da instituição.

Herédia, Cortelletti e Casara (2004) comentam que: “Nas instituições asilares o institucionalizado vive em espaço fechado, realizando as mesmas atividades com o mesmo grupo de pessoas, no mesmo horário, atendendo às exigências institucionais e não as pessoais, sofrendo assim, a restrição de outras vivências externas.” (p.18).

Em conversas com os residentes, os mesmos relatavam que se sentiam desanimados: “Ficamos aqui olhando as quatro paredes” dizia um senhor que outrora foi proprietário de um restaurante em São Paulo, e que a inadequada

gestão de seus negócios ou a economia do país deixaram-no sem recursos financeiros, sendo a instituição asilar uma solução.

Vários fatores contribuem para que a institucionalização dificulte o reconhecimento das singularidades que habitam estes lugares: burocracia (os funcionários usam uma parte do tempo com o preenchimento de vários relatórios); número inferior ao desejável do quadro de profissionais nas escalas de enfermagem, o que não dá espaço a um olhar diferenciado ao idoso; a admissão de idosos em estágios adiantados de demência, ou pacientes psiquiátricos, compartilhando o mesmo espaço de moradia, o que gera muitas dificuldades na convivência.

O que acontece com um idoso que é lúcido e tem que habitar o mesmo local com esta variedade de patologias diariamente? Não devemos nos preocupar com esses efeitos acarretados pela institucionalização? O que fazer com demandas tão diversas?

Em relação a questão do preenchimento do tempo vazio que reencontrava nas ILPIs, comecei a pensar em algumas alternativas que poderiam contribuir para a transformação qualitativa das casas asilares. Herédia *et al.*(2004) sugere implementar: “(...) a organização e o desenvolvimento de atividades físicas, intelectuais, religiosas, sociais que motivem o idoso, tirando-o de sua inatividade, estimulando-o ao convívio social, ao desenvolvimento da linguagem e à busca de sentido para o seu dia-a-dia” (p.57).

Aos poucos fui desenvolvendo um trabalho de intervenção junto aos idosos, com diversas atividades, na tentativa de oferecer uma pluralidade de espaços para a expressão das diversas subjetividades que a instituição acolhia.

Uma das atividades que passei a realizar é a Dança Sênior que trabalha expressão corporal e integração social através da dança, baseando-se no folclore de diversos povos<sup>2</sup> Considero esta atividade um recurso interessante

---

<sup>2</sup> Surgida na Alemanha em 1974, foi trazida ao Brasil em 1978 pela Sra. Christel Weber. O objetivo geral da Dança Sênior é atender grupos de idosos saudáveis ou aqueles com limitações, que se dispõem a uma atividade física ideal e orientada à sua faixa etária, de forma regular, prevenindo assim a fragilidade muscular, rigidez articular e a perda do domínio dos

para trabalhar com idosos que tem déficit cognitivo em razão da demência tipo Alzheimer (DTA), pois acompanhar os movimentos do dirigente da Dança Sênior torna-se uma tarefa fácil e possível, a música os anima e eles podem acompanhar o ritmo. Uma das idosas de uma das ILPIs cria suas próprias coreografias enquanto os outros me acompanham e quando terminamos uma dança ela aplaude e diz: “Adoro dançar!” Às vezes ela se levanta e dança sozinha. Em geral trabalho com danças sentadas, pois os residentes têm limitações importantes que os impedem de deambular. Outro recurso que utilizo é o jogo de cartas, crapô, por exemplo, onde se trabalha com números, em ordem crescente e decrescente, naipes e muita atenção. Dependendo das dificuldades que os idosos encontram, faço adaptações nas regras dos jogos. O dominó também é um recurso muito bem aceito, pois é difícil encontrar alguém que nunca experimentou jogar dominó na vida.

Sr.J, 93 anos, nascido em Pernambuco, adora jogar dominó. Jogamos quase todas as semanas. Depois soube que ele joga sozinho em seu quarto, em cima de sua cama com um adversário imaginário todas as noites. Ele é um senhor de gênio difícil, relaciona-se com poucas pessoas, isola-se e, como se não bastasse, tem limitações auditivas. Sempre me conta que sua família não o visita há bastante tempo. Nem sabe o porquê, diz que vive, que está onde está “até quando Deus quiser”. Cochila sentado grande parte do tempo. Quando eu me aproximo, seu rosto se ilumina e me diz: “Vamos jogar?” Uma vez, jogamos 17 partidas! Deixo-o deliberar sobre as regras do jogo e já percebi que é muito autoritário e que isto lhe dá prazer. Às vezes jogamos com mais pessoas e ele acha sempre que os outros parceiros estão jogando contra mim. Fica nervoso com eles, parece meu advogado de defesa. Tento encerrar a partida: está na hora de ir embora e ele insiste: “Só mais uma!” Jogamos mais algumas e ao final, quando guardo as pedras na caixa ele me diz “Agora, só daqui a oito”. Só daqui a oito dias que jogaremos novamente, talvez com a participação de outras pessoas. Mais alegria para o sr. J, e para mim também! sr. J. me espera

---

movimentos coordenados. Entre os objetivos da Dança Sênior, podemos salientar os seguintes: promover melhor oxigenação das células, de maneira a evitar o desgaste precoce da capacidade e do reflexo mental; motivar o idoso para a prática de exercícios programados; facilitar a integração do idoso através de movimentos rítmicos e acompanhamento da coreografia conscientizando-o sobre o valor preventivo desta atividade.

toda semana e quando não me vê, na semana seguinte me pergunta se eu estive viajando.

O simples ato de jogar que é tão significativo para ele, para mim tem sido uma atividade prazerosa. Quantos sentimentos se revelam no jogo. Quantas conversas, quantas lembranças! Na hora da despedida ele quer se despedir de mim à moda pernambucana, com um cheiro.

Safra (2005) diz que se alcança sentido na vida pela criatividade e pela capacidade de se aproveitar os pequenos momentos do cotidiano. Meu contato semanal com sr. J. me faz pensar sobre esses momentos do dia a dia: a maneira tranqüila e resignada de como ele espera a hora da sua morte segundo o desejo de Deus; o jogo solitário no seu quarto; os cochilos diários, e que, acredito, nos revelam a solidão que habita as casas, os asilos e as pessoas.

Os longos silêncios dos idosos me intrigam. Quando os vejo pensativos e pergunto em que pensam, muitos me respondem que estão se lembrando. Byington (2005) afirma que ao nos referirmos à solidão dos idosos e aos seus silêncios pensamos em tristeza, abandono. Mas, não seria a solidão e o silêncio também oportunidades de reflexão sobre o cotidiano, sobre a vida?

Dentre outras opções de atividades, uso também montagem de quebra-cabeças. Este mercado é mais voltado para o público infantil e percebi que não é adequado usar um quebra cabeças com desenhos infantis e nem oferecer um quebra cabeças com 500 peças. O desafio não pode ser maior do que a capacidade de solução. O que fazer?

Os idosos e eu confeccionamos os quebra cabeças: uso revistas com boa qualidade de papel, os idosos escolhem as figuras que vão ser utilizadas, recortamos e colamos sobre cartolinas. Realizo Oficinas de Memória Autobiográfica<sup>3</sup> a cada 15 dias abrindo um espaço de reflexão e de conversa na ILPI e às vezes vemos filmes com posterior discussão. Tenho sempre o

---

<sup>3</sup> O objetivo deste trabalho foi criar um espaço de inclusão e valorização do idoso institucionalizado onde, através da escuta, reflexão e troca, sejam construídos novos significados para a trajetória de vida, ampliando os laços entre os residentes e sua própria auto-estima. A elaboração de um caderno de memórias – material gráfico e visual onde são registradas suas lembranças – dá voz e visibilidade aos sujeitos envolvidos e, ao trabalhar a atenção, a síntese e a conclusão, visa preservar suas funções cognitivas.

cuidado na escolha e seleção de filmes que possam ter significado e interesse para o público que irá assisti-lo.

A partir do meu contato semanal com os residentes foi se construindo um vínculo de confiança mútuo, que se firmou também entre o profissional e a instituição, pois esta é a responsável legal pela pessoa institucionalizada.

O isolamento e o confinamento dentro da instituição me preocupavam. As novidades são trazidas pelos funcionários ou por mim, que vêm de fora, da rua. Na sua maioria os residentes são oriundos de famílias de poucos recursos financeiros e o seu universo é muito limitado de experiências novas e de lazer. Muitos idosos ocuparam suas vidas inteiras só com trabalho. “Nunca saía, não conheço nenhum lugar, trabalhava o tempo todo” diz a sra. B, 90 anos.

Surgiu então a idéia de se levar os idosos a visitarem e revisitarem lugares conhecidos da cidade onde habitaram e circularam anteriormente. Inicialmente foi realizada uma experiência piloto num bairro próximo à instituição e depois partimos em direção a São Paulo, pois Guarulhos não oferecia muitas opções.

Para a maioria das pessoas essa é a única oportunidade para uma atividade cultural e de lazer, pois a maioria das vezes sai para consultas médicas. Quando passeiam com seus familiares, em geral, ficam na casa destes, não exploram a cidade.

O que mudou em São Paulo? Como estará aquele bairro onde eu morei? O que existirá agora no lugar do *Mappin* ou como estará o centro velho da cidade? Guardamos na nossa memória as lembranças destes lugares. Halbwachs (2006) nos diz que:

É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (p.170)

O *Projeto Passeios* torna possível para esses idosos que revisitem estes lugares que foram significativos em suas vidas. Quando visitamos a Catedral

da Sé, uma senhora ficou muito emocionada, pois sua última ida àquela igreja tinha sido no ano do IV Centenário (1954) no dia da sua inauguração. Outro senhor não ia ao cinema há 20 anos e ficou admirado com a nova arquitetura dos cinemas dos shoppings, em formato de estádios.

O ponto de partida deste projeto foi a realização de uma pesquisa de opinião com os residentes para saber dos seus interesses em sair da instituição para um passeio e de suas preferências de lugares a serem visitados. O resultado foi surpreendente: queriam sair, não importava aonde.

Algumas pessoas muito limitadas por doenças incapacitantes nem desejam nada. Para estes residentes, o cotidiano da instituição é o seu suporte – sensação de pertencimento que dá contorno, abraça e acolhe. Nas lembranças o mundo de fora e o real passa a ser o mundo de dentro da instituição. Eles circulam entre os cuidados dispensados pelos profissionais, idas e vindas ao refeitório e aos seus aposentos, algumas atividades religiosas e muitos cochilos nos intervalos destas atividades.

Outros disseram preferir ficar, gostam de saber aonde foram seus amigos e isto os satisfaz. Sentem-se seguros dentro da instituição, sair é ameaçador. Porque sair é ameaçador? Qual é o medo?

“Sabe, eu estou com medo de sair devido à minha diabetes. Nem à casa do meu filho eu quero ir. E se eu não passar bem lá? Aqui eu sou atendido rapidamente”, diz um senhor que tem apresentado crises de hipoglicemia.

Cada residente lida de forma diversa com esta situação. Os funcionários trazem o mundo de fora para dentro da instituição e de certa forma fazem uma ponte com os que estão dentro.

Quando saímos corremos alguns riscos e certa vez tive uma experiência com uma idosa que causou certa preocupação para mim e medo para ela. Não podemos esquecer que os residentes institucionais reduziram sua movimentação pelos espaços públicos onde estamos acostumados a circular e nem nos damos conta disto. Fomos num domingo almoçar num restaurante e depois a levei-a a um *shopping center* para uma sessão de cinema. Quando fomos subir pela escada rolante, não percebi quando esta senhora colocou seus pés no início da mesma e esta logo se transforma num degrau. Ela se

desequilibrado, caiu e me derrubou. Nada sério aconteceu, e tudo não passou de um susto. No retorno à instituição ela me pediu para não contar para a equipe da enfermagem com medo de que ela não pudesse mais sair comigo. Esta senhora estava com muito receio de que pudesse perder o privilégio destas saídas esporádicas. Expliquei para ela que não podia omitir este acontecimento e que eles entenderiam que estamos sujeitos a quedas ou outros eventos mesmo dentro da instituição.

A instituição tem um veículo do tipo *Van* com sete lugares. Muitas vezes ponho meu carro à disposição para que mais pessoas também possam passear. Sempre obtenho informações sobre a acessibilidade do lugar a ser visitado; às vezes levo residentes em cadeiras de rodas. Algumas vezes, dependendo do grau de dependência das pessoas que saem, é requisitado outro profissional, em geral, um auxiliar de enfermagem que acompanha o grupo.

Quando vamos a museus sempre agendo visitas guiadas, pois são muito mais interessantes e instrutivas. Os idosos com facilidade logo estabelecem uma *relação de amizade* com estes educadores. Nota-se uma carência muito grande de contato com as pessoas. Qualquer olhar ou sorriso de quem passa pode ser uma desculpa para iniciar uma conversa. Temos revisitado São Paulo: o centro da cidade, a Pinacoteca, o Museu do Ipiranga, o Horto Florestal, o Museu do Imigrante, o Museu de Arte Sacra, o Parque do Ibirapuera, o Teatro Municipal e tantos outros lugares. Nos finais de ano nosso destino tem sido os *shoppings* para que se possa observar os arranjos de Natal, os presépios, as vitrines.

"Que bom, a gente vai ter o que contar" foi uma exclamação que ouvi de uma idosa de 90 anos, que eu conduzia no meu carro, ao sair para um passeio ao Museu do Ipiranga. Esta mesma pessoa, ao voltar, disse suspirando: "Acho que agora eu não volto nunca mais!" Ela estava contabilizando suas visitas ao museu, pois sua última visita ao Ipiranga, bairro onde também tinha morado durante muitos anos, tinha acontecido há sessenta anos passados.

O dia do passeio é esperado, e percebo que vestem suas melhores roupas. Em geral tomamos um lanche e este segue prescrição médica. Tudo



chama a atenção deles na rua: os outdoors, os transeuntes, o cheiro dos lugares. Poderia dizer que são estrangeiros na sua própria cidade.

O passeio já se inicia no carro, com as observações que os idosos vão fazendo pelo caminho. Ao passarmos por uma grande floricultura uma das senhoras comenta com a outra “Se a gente pudesse olhar de perto!”, e “Ah! A gente não vê mais nada dessas coisas. Eu estou aproveitando de ver as coisas. A gente não vê nada mais...”. “Estou olhando as lojas, modelos de roupa nova...” Só da gente tá no carro, olhando estas coisas é uma beleza. Alegria a gente!” (sic).

Quando retornam para a instituição, comem com mais apetite, alegres e falantes contam as novidades para os que ficaram e para os funcionários; agradecem muita a oportunidade que tiveram de passear. Na maioria das vezes na volta do passeio peço que digam uma palavra que sintetize o que sentiram naquelas horas em que estiveram fora. Esta palavra para mim tem o significado do que experimentaram, das sensações que ficaram. Muitas vezes eles têm dificuldades de encontrarem estas palavras. Não estão acostumados que lhes perguntem o que acham ou o que representa um passeio, que sentimento permaneceu. As palavras são sempre muito positivas: lindo, um dia inesquecível, alegria, graças a Deus. Uma residente que está na instituição há poucos meses disse que sua palavra era leve explicando-me que naquele dia estava sentindo um peso no peito desde manhã e que agora tudo tinha passado. “Estou leve” disse sorrindo.

Sair da instituição para muitos residentes significa passar horas agradáveis, esquecer sua rotina, experimentar até alguma comida diferente, sentir o pulsar da grande metrópole, observar as pessoas correndo atrás do tempo, nos pontos de ônibus, tudo enfim que se desvela à curiosidade de um estrangeiro na sua passagem. Alguns residentes se encontram em estágio moderado de DTA e na semana seguinte ao passeio não conseguem lembrar-se de que saíram quando lhes mostro a foto do passeio. Inicialmente eu ficava um pouco desanimada e frustrada quando percebia isto, pois o esforço não é pequeno para a realização de um passeio. Aprendi que o que vale é o momento que estamos vivendo. Estava bom, divertiram-se é o que basta!

Todos os passeios são registrados com câmera fotográfica e na semana seguinte ao passeio, as fotos são expostas num quadro de avisos na instituição. Desta forma, os residentes sentem-se valorizados porque aparecem nas fotografias (muitos não são fotografados há muito tempo) e podem compartilhar com seus companheiros de residência o que viram e fizeram quando saíram.

Quando voltamos de um passeio a um centro de convivência, onde idosos passam uma parte do dia, mas moram sós ou com parentes, um deles comentou: “É bom, mas eu prefiro o nosso Lar...”. Esta fala revela que este residente fez uma comparação sobre outro modo de morar, de conviver, de outro espaço e considera que a instituição onde ele está é o lugar que lhe dá segurança, é o que ele gosta de pertencer.

A seguir, apresento uma experiência de uma saída com uma idosa que é portadora da demência tipo Alzheimer. Muitas vezes a sra. R. manifestou-se interessada em sair, mas no momento da saída sempre desistia. Via seus companheiros saírem, mas não se aventurava. Um dia, tomou coragem, procurou-me e disse que queria participar do passeio. Durante o mesmo percebi que queria ficar de mãos dadas comigo como se estivesse receosa de me perder. A sra. R. perguntava repetidas vezes: "Você tem certeza que sabe o caminho de volta? Quem virá nos buscar? Estou me sentindo num outro mundo". Ao mesmo tempo, achava tudo interessante, bonito. Ela oscilava entre a sensação de bem estar, desconfiança e medo. A cada nova pergunta dela, procurava tranquilizá-la afirmando-lhe que sabia o caminho de volta, que o motorista viria nos buscar no horário combinado.

A sensação de estar fora do mundo, era uma sensação de estranhamento, de insegurança, mas minha disponibilidade de se estar junto dela, "segurando-a pela mão" lhe dava sustentação. Como nos relata Barreto (2005), existem situações em que notamos que não há muito que fazer, mas só a nossa presença já significa muito para o acompanhado. Segundo o autor:

Penso que o valor dessa experiência não se dá somente por haver um corpo junto ao corpo do paciente – a proximidade de dois corpos, mas por ser um corpo habitado, um corpo atento, um corpo que carrega a

história do próprio vínculo... Um outro sujeito é capaz de compartilhar as experiências do acompanhado. (p.64)

Nos passeios os idosos mostram-se carinhosos com os que acabaram de conhecer revelando disponibilidade afetiva no convívio social.

Ressalto a importância e o significado dos passeios pela cidade para estes residentes. Costumam perguntar: "Quando vai ter passeio de novo?" Ultimamente passaram a sugerir lugares para serem visitados. Museus, parques ou instituições similares são objetos de desejo para novas oportunidades de sair. Outro dia andando pelos jardins da instituição, uma idosa que apresenta um quadro psiquiátrico<sup>4</sup> olhou para um grande prédio de apartamentos vizinho e me disse: "Você me leva lá?".

Muitas vezes os idosos me dizem que pretendem voltar ao lugar visitado na companhia dos filhos e se interessam em saber se aquele lugar estará aberto no fim de semana, trazem prospectos destes lugares para mostrarem para seus parentes e amigos. Quais foram os resultados depois que o projeto foi implantado?

Pode-se dizer que estes idosos têm manifestado mais suas vontades ao proporem lugares para visitar, travam alguns contatos, mesmo que breves com outros idosos fora da instituição, o que percebo ser muito prazeroso para eles. Lembrar de um lugar que possa ser visitado ou ser convidado para sair, esperar o dia do passeio, escolher a roupa, arrumar-se, andar de carro, olhar a cidade, os transeuntes, desfrutar do passeio, conhecer outras pessoas, estar com seus companheiros de moradia numa outra atividade traz mudanças na dinâmica de convivência entre eles estreitando vínculos.

Revisitar a cidade, acompanhar esses velhos nos passeios, estar atenta neste acompanhamento traz à tona uma reflexão sobre a atividade de Acompanhamento Terapêutico para Idosos. Estes sujeitos requerem uma escuta diferenciada afinada com a especificidade da gerontologia por um profissional que esteja preparado para acompanhá-los.

---

<sup>4</sup> Esta idosa está nesta Instituição há 5 anos. Está institucionalizada há 24 anos com diagnóstico de esquizofrenia. Ela via outros residentes saírem e manifestou o desejo de sair também. Fizemos uma experiência nas proximidades da ILPI pois ela dizia que quando saísse não retornaria. D. passou a integrar o grupo dos residentes que passeiam. Toda semana me pergunta se tem passeio e quando eu anuncio a saída é uma das primeiras a se inscrever.

Houaiss (2001) define a palavra acompanhar como "estar ou ficar junto a (alguém), constantemente ou durante certo tempo; fazer companhia a, conviver ou compartilhar as mesmas situações com, ou ser companheiro, deslocar-se junto ou seguir na mesma direção..." Acompanhante e acompanhados, dinâmica que se dá nos encontros que se estabelecem. As histórias que se cruzam entre os acompanhados que têm no espaço da rua, na companhia dos seus pares nos passeios, no espaço aberto à escuta, oportunidades para aflorarem amizades e situações de confiança que podem se aprofundar.

Yagiu (2006) comenta que os pacientes psicóticos têm seu cotidiano modificado em função das perdas funcionais, que o tempo precisa ser preenchido com algum projeto e que é importante que ele se construa e se sustente para dar um significado a sua vida. Podemos fazer um paralelo com os residentes institucionais que *abandonaram* seu cotidiano, deixaram de lado suas tarefas caseiras, desfizeram-se das suas casas, etc. Saber que na semana seguinte vamos ter um passeio tem um sabor de expectativa, de que roupa vou vestir, quem vai fazer parte do passeio, o que vamos ver na rua, quem vamos conhecer, qual será a surpresa desta saída.

O Acompanhamento Terapêutico com idosos surge como alternativa adequada de intervenção nas Instituições de Longa Permanência de Idosos como ação preventiva. Em espaços com estes sugere Goldfarb (2006):

O AT é dispositivo clínico que trabalha em rede interdisciplinar e se inclui na vida da pessoa, no seu habitual, no seu lar. Como tal, não se contrapõe a outros tratamentos em curso, mas os complementa. Não se contrapõe a figura do cuidador, a potencializa. Procura estabelecer vínculo de confiança, favorecendo a elaboração dos conflitos na totalidade vivida pelo sujeito, participando de seu entorno afetivo, revelando os obstáculos para a cura, descobrindo potencialidades criativas, construindo enfim, projeto de felicidade possível junto ao sujeito acompanhado. (p.83).

## **Referências bibliográficas**

- Barretto, K.D.(2005) Do que ressalta a função de Holding. In *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança* (pp.57-65). 3 edição. São Paulo:Unimarco e Sobornost.
- Byington, C. (2005) *Uma contribuição da psicologia simbólica junguiana*. (Online, dezembro de <http://www.portaldoenvelhecimento.net>)
- Cortelletti, I.A.&C.M.& H. V.(2004) Institucionalização do idoso: identidade e realidade In Cortelletti,I.A.(Org.) *Idoso Asilado, um estudo gerontológico*(pp.13-60) Caxias do Sul:Educs/Edipucrs.
- Goffman, E.(2005) *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Goldfarb, D.C.(2006) Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas *Velhices: reflexões contemporâneas*.(pp.73-81). São Paulo: Sesc-PUC.
- Halbwachs, M.(2006). *A memória coletiva*. São Paulo:Centauro.
- Houais, A.(2001) *Dicionário Houais da língua portuguesa* . Rio de Janeiro: Objetiva
- Netto, M.P.(2002) O estudo da velhice no século XX: histórico, definição e termos básicos. In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*(pp.2-12).Rio de Janeiro:Guanabara-Koogan.
- Safra, G.(2005) *O viver humano é contínua transformação*. (Online, dezembro de 2005,<http://www.portaldoenvelhecimento.net>)
- Yagiu, H.(2006) Projetos no acompanhamento terapêutico: apontamentos para elaboração In Santos,R.G.(Org.) *Textos, texturas e tessituras no acompanhamento terapêutico* (pp.157-172). São Paulo: Hucitec.